

Aécio atrai dissidentes com oferta de espaço e ajuda em campanhas

Marcos de Moura e Souza

De Belo Horizonte

O candidato a presidente Aécio Neves (PSDB-MG) vai começar a campanha eleitoral contando que terá a seu lado um séquito de políticos cujos partidos são, formalmente, aliados da presidente Dilma Rousseff (PT).

Os dissidentes vêm, principalmente, do PP, PSD, PR e também do PMDB, segundo tucanos. Dilma já tem o apoio formal de nove legendas, além do PT e deve ter entre 10 a 12 minutos da propaganda gratuita de rádio e TV. É quase a metade do tempo disponível.

Aécio e seus aliados mais próximos dizem que em Estados importantes parte dessas legendas governistas trabalhará, na verdade, para a campanha tucana e que sua ajuda é crucial para dar palanques nos Estados ao tucano.

Para atrair dissidentes, o senador mineiro tem sido muito ajudado pelas pesquisas de intenção de voto, por interesses partidários regionais e também por uma difusa sinalização de que quem estiver ao seu lado, agora, terá cargos e indicações a fazer num futuro governo Aécio.

“As pesquisas são o argumento mais forte até agora para trazer mais aliados”, diz o deputado federal Rodrigo de Castro (MG), tesoureiro do PSDB. Embora Dilma continue liderando, sua vantagem sobre o tucano vem caindo. Na visão dos tucanos, a demanda por mudanças captada pelas pesquisas ajuda a empurrar parte dos candidatos de partidos governistas para a candidatura de Aécio.

Outro argumento usado pelos aecistas nas conversas com partidos governistas é que num segundo mandato de Dilma a relação dela com os aliados será mais distante do que foi até agora.

“O relacionamento dela com lideranças políticas tende a piorar. E



Aécio: tucano diz a líderes da base que relação deles com Dilma tende a piorar

o Aécio já tem um relacionamento melhor, escuta mais”, diz Castro. Duarte Nogueira, deputado federal pelo PSDB de São Paulo, reforça: “Não agrada a ninguém fazer parte de um governo em que você não é ninguém, em que é tratado sempre em quarto, quinto plano e o PT sempre em primeiro plano”.

Ao mostrar-se disposto ao diálogo e à concessão de mais espaços aos aliados, Aécio usa uma linguagem que agrada a quem está na base de Dilma e que constantemente se queixa que seus partidos são tratados com desprezo por ela.

Aécio não fala até agora sobre distribuição de ministérios ou cargos, caso seja eleito, aos neoaecistas. Mas nas conversas entre tucanos e lideranças de outros partidos, isso já está mais do que implícito.

“É claro que a pessoa sabe que

vai ter espaço”, afirma Rodrigo de Castro. Ele insiste, no entanto, que nas conversas para buscar dissidentes do governo Dilma esse é um assunto que não está ainda em pauta.

“Todo mundo que faz parte de um projeto que espera ser vitorioso, vai querer fazer parte”, completa Duarte Nogueira, para logo fazer a ressalva semelhante: as participações num eventual governo tucano serão orientadas por “critérios meritocráticos”.

Outro assunto que não está sendo discutido, segundo o deputado paulista, é ajuda financeira a campanhas de novos aliados: “Não nas reuniões de que eu tenho participado.” Marcus Pestana, deputado federal e presidente do PSDB mineiro, diz outra coisa. De acordo com ele, nas conversas com dissi-

dentos se fala, sim, em “apoio do PSDB às campanhas majoritárias nos Estados para produção de material de campanha”.

O esforço até o último momento do grupo de Aécio é o de conseguir formalizar apoios de partidos à sua candidatura. E em último caso, dizem tucanos, forçar dissidências.

O PSDB formalizou alianças com DEM, SDD, PTB, PMN, PTC, PTdoB e PTN e terá menos tempo na propaganda gratuita de rádio e TV, em 2014, do que o candidato tucano a presidente José Serra teve em 2010.

Marcus Pestana diz que os tucanos conseguiram o que tinham planejado para esta altura da campanha: construir “muitas alianças e semear muitas dissidências no PP, PR, PSD e em outros partidos”.

O PSD e o PP confirmaram ontem a aliança com Dilma, assim como havia feito o PMDB. A decisão do PP está sendo contestada por uma ala aecista do partido. Para manter o PR ao seu lado, Dilma aceitou trocar César Borges do cargo de ministro dos Transportes por outro representante do partido.

Em alguns Estados, Aécio conta com os arranjos regionais com partidos que, nacionalmente, fecharam com Dilma. Em Minas, base eleitoral do candidato tucano, o PSD, o PR, o PSD e muitos prefeitos do PMDB fazem campanha para Aécio. O PP do atual governador do Estado, Alberto Pinto Coelho (PP), é um aliado atuante de Aécio.

No Rio, no caso de dissidência mais comemorado até agora pelos tucanos, parte do PMDB já declarou também que estará com Aécio. Na Bahia e no Piauí, idem, enumera Pestana. E no Ceará, há uma expectativa de que o PMDB também se alie ao tucano se Tasso Jereissati (PSDB) se candidatar ao Senado na chapa do candidato a governador Eunício Oliveira (PMDB). E em São Paulo, maior colégio eleitoral do país, dissidências importantes, diz Duarte Nogueira, se deram no PSD e no PMDB.